

Crítica a um jovem poeta: correspondência entre Mário de Andrade e Alphonsus de Guimaraens Filho¹

Marcia Regina Jaschke Machado²

Resumo

Este artigo tem o objetivo de estabelecer conexões entre a crítica literária que Mário de Andrade publicou no início dos anos 1940 e aquela que ele elaborou em sua correspondência, a qual denominamos “crítica informal”. Para isso serão confrontados alguns de seus pontos de vista sobre a produção poética da geração de 1940 apresentados no texto “Lume de estrelas” e nas cartas que trocou com Alphonsus de Guimaraens Filho.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Alphonsus de Guimaraens Filho. Crítica literária. Epistolografia.

Abstract

This article aims to establish connections between the literary criticism that Mário de Andrade published in the early 1940s and the one he elaborated in his correspondence, which we call “informal criticism”. For this, some of his points of view on the poetic production of the 1940s presented in the text “Lume de Estrelas” and in the letters he exchanged with Alphonsus de Guimaraens Filho will be confronted.

Keywords: Mário de Andrade. Alphonsus de Guimaraens Filho. Literary criticism. Epistolography

Revista de
Crítica Genética
ISSN 2596-2477

N. 50 • 2023

Submetido:
12/06/2023

Aceito:
11/09/2023

1 Este artigo está vinculado à pesquisa de pós-doutorado “Produção de consensos e mediação na correspondência de Mário de Andrade e escritores mineiros”, realizada junto ao Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

2 Professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Minas Gerais. Autora do livro *Manuscritos de outros escritores no arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo*. Tem artigos e capítulos em livros publicados sobre a correspondência e o arquivo de Mário de Andrade.

A contribuição de Mário de Andrade para a produção intelectual no Brasil é inegável. Ao lado da escrita ficcional e da pesquisa sobre cultura brasileira, acumulou vasta produção epistolar, bem como de textos de crítica sobre variados meios de manifestações culturais, como artes plásticas, música e literatura. Como crítico na imprensa, teve sua primeira publicação em 1921, em *A Gazeta* e no *Jornal do Comércio*. A partir de então, passou a colaborar com os principais jornais do país: *Correio Paulistano* (1923); na edição de São Paulo de *A Manhã* (1926); *Diário Nacional* (de 1927 a 1932); *Diário de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* (1933); *Diário de Notícias* (de 1939 a 1940). Em 1940, voltou a escrever para *O Estado de S. Paulo*, *Diário de S. Paulo* e *Correio da Manhã*.³ Como observou Sonia Sachs:

A crítica é uma constante de relevo no diversificado cenário de atividades do Mário de Andrade escritor. Permanentemente atento aos fenômenos literários, ele os considerou em toda a sua complexidade, tanto formal quanto ideológica, desde as declarações de princípios modernistas que foram o “Prefácio interessantíssimo” (1922) e A escrava que não é Isaura (1924).⁴

Sérgio Buarque de Holanda, ao substituí-lo no *Diário de Notícias*, em 1940, resumiu a importância da crítica realizada pelo escritor modernista:

Existe talvez um vício de sistematização, vício pedagógico, na tendência para separar como dois momentos distintos da realização literária a parte da crítica e a parte da criação. É excelente, por esse motivo, que a poetas de preferência se confie a crítica profissional. Os grandes exemplos de um Coleridge e de um Baudelaire servem para mostrar a que ponto isso é exato. E para que ir tão longe sem evocar o nome ilustre de quem me precedeu nestas páginas? Em Mário de Andrade o crítico esteve sempre à altura do poeta. Figura das mais complexas e importantes em nossa literatura, na prosa como no verso, nos trabalhos de ficção como nos de pura erudição, ele tem a rara capacidade de interessar-se suficientemente nos problemas mais vários e de poder abordá-los com conhecimento de causa.⁵

Das considerações de Sérgio Buarque, cabe destacar seu ponto de vista sobre os trabalhos de crítica e de criação caminharem juntos no processo de produção literária na modernidade. Observa-se que, em um contexto de inovações literárias,

3 Informações obtidas em “Um crítico no jornal”, de Sonia Sachs, em ANDRADE, M. **Vida literária**. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. IX.

4 Ibidem.

5 HOLANDA, S. B. Poesia e crítica. In: HOLANDA, S. B. **O espírito e a letra I**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 274-275. Texto publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, em 15 de setembro de 1940.

no qual a autoridade acadêmica perdia espaço para a liberdade de invenção, os próprios escritores buscavam definir regras para as mudanças que propunham. Tentavam, assim, estabelecer entre eles regras e construir consensos, não buscando essas definições apenas em modelos do passado, mas em seu próprio tempo. Lembrando Pierre Bourdieu, “o campo da produção erudita [na modernidade] tende a produzir ele mesmo suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos”.⁶ Vale, nesse sentido, reiterar a afirmação de Sérgio Buarque: “É excelente, por esse motivo, que a poetas de preferência se confie a crítica profissional”. E, no caso da produção intelectual de Mário de Andrade, essa questão se faz muito presente:

A crítica permeia toda a produção mariodeandradiana, quer nas formas sutis da poesia, quer nas evidências do discurso narrativo, por conta da aguda sensibilidade estética ou da inquietação social que transparecem à simples leitura das obras. É, no entanto, considerável a produção crítica sistemática, materializada em ensaios de fôlego tão conhecidos como os que pertencem aos Aspectos da literatura brasileira, assim como a praticada na imprensa.⁷

À consideração de Sônia Sachs sobre a crítica de Mário de Andrade permear toda sua obra ficcional, seria possível acrescentar que ela também esteve muito presente em sua produção epistolar, uma vez que as cartas constituíam um espaço muito favorável para o exercício crítico. Mas com a diferença de que a circulação dessa crítica se restringia ao âmbito privado do diálogo com seus correspondentes. Nesse sentido, em uma época em que aos próprios escritores se atribuía a tarefa da crítica, a troca de cartas possibilitava esse exercício e, muitas vezes, podia ser entendida como instrumento de difusão, debate e esclarecimento sobre questões teóricas ligadas às inovações propostas pelos próprios escritores. De acordo com Marcos Antonio de Moraes:

[...] o autor de Macunaíma contribuiu em grande parte para que o modernismo pudesse hoje ser visto como um tecido de dupla face. No avesso – a epistolografia – as articulações, os pressupostos formuladores de concepções estéticas, estratégias de divulgação, colaborações/ interferências na criação literária; na frente, a “história oficial” exibida nos manifestos, nos livros publicados, nas revistas da vanguarda. As cartas realizam a dialética da construção do movimento modernista.⁸

6 BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Introd., org. e seleção de Sergio Miceli. Tradução de Sergio Miceli, Silvia Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004, p. 105.

7 SACHS, op. cit., p. IX.

8 MORAES, M. A. Mário, Bandeira, Drummond: epistolografia e vida literária. In: **Calendário de cultura e extensão**: Drummond. São Paulo: Universidade de São Paulo, out. 2002, p. 2.

A crítica esteve, portanto, muito presente na sua correspondência. Por meio da troca de cartas, era possível o estabelecimento de uma forma profícua de comunicação. Atravessando toda a sua carreira literária refletindo teoricamente sobre o Modernismo, Mário divulgou, também, seus posicionamentos, seja por meio de artigos e livros, seja por meio de sua correspondência. No âmbito privado das cartas, partilhou com seus interlocutores as ideias que elaborava, as dúvidas que o angustiavam. Mas esse meio de comunicação não lhe serviu apenas de instrumento de difusão de ideias; foi, com a mesma importância, um meio de que se valeu para legitimar suas propostas no campo intelectual, estimulando o debate e a produção intelectual, e, também, para congregar vários intelectuais que apresentassem afinidades de pontos de vista críticos com os seus. Contribuía, desse modo, para que se consolidasse um modernismo possível, ou, pelo menos, para que pudessem ser legitimadas algumas perspectivas nesse âmbito de pluralidade que caracterizou o movimento. Como afirma Mônica Velloso, Mário de Andrade conseguiu por meio das cartas

[...] criar laços intelectuais e afetivos através de uma extensa rede epistolar. É através dessa rede que circulam ideias e se reativam afinidades que dão impulso original ao movimento modernista brasileiro. Cartas são instrumentos de composição de redes, desencadeando trocas, adesões e sociabilidades.⁹

Desse modo, Mário de Andrade investiu demasiadamente na produção epistolar, dedicando-se a cada um de seus interlocutores – sejam os escritores iniciantes ou os que estivessem no mesmo patamar que o seu –, criando vínculos de amizade que lhe propiciavam divulgar suas ideias e construir uma rede de “partidários” dos seus projetos modernistas:

O projeto da “Arte-ação” é o horizonte da obra epistolar marioandradina. Pela linguagem do afeto mobiliza o grupo em torno de um projeto estético coletivo. Nessa interlocução, a amizade adquire clara função social: assegurar as mediações e alianças necessárias à implementação do projeto.¹⁰

Assumindo essa posição diante da troca epistolar, Mário de Andrade procurou sempre estimular outros escritores a lhe enviarem seus textos inéditos em processo de invenção. Fez isso com escritores de sua geração e também com aqueles mais novos e iniciantes no campo literário. Havia o que podemos chamar de circulação de manuscritos, prática recorrente entre os modernistas que disponibilizavam seus textos inéditos por razões distintas: geralmente para tentar publicá-

9 VELLOSO, M. P. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. **Tempo**, vol. 13, n. 26. Niterói, EdUFF, 2009, p. 208.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/ThvjMJXG4F4pby8xyCwHrKN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2023.

10 Ibidem, p. 216.

los em algum periódico ou para solicitar a opinião de um colega sobre o que estavam escrevendo. Neste caso, motivados pela necessidade de se estabelecer diálogos a respeito do próprio processo de composição literária. Esse caráter, a princípio privado,¹¹ permitia a exposição mais confortável de ideias e opiniões e a ele optamos por denominar “crítica informal”.¹² Entretanto, tal denominação não implica que essa crítica fosse descompromissada. Muito pelo contrário, pois o que se percebe é que ela proporcionava discussões pautadas em sérias reflexões, com o compromisso do debate sobre as novas propostas modernistas. Desse modo, foi escolhida a designação exclusivamente por se tratar de texto de crítica que não era redigido com a finalidade de ser levado a público, em páginas de jornais ou revistas. Nesse espaço privado, a crítica informal poderia se caracterizar por uma escrita mais despreocupada, como confessa Mário a Carlos Drummond de Andrade: “Mas falei e em carta continuarei sempre a falar com você ‘de pijama e chinelo’ como diz o Manuel”.¹³

Verificaremos adiante aspectos da crítica informal presente na correspondência de Mário de Andrade com Alphonsus de Guimaraens Filho, buscando conexões com alguns posicionamentos críticos que ele publicou na imprensa sobre a produção da nova geração de poetas no início dos anos 1940, com maior atenção ao texto “Lume de estrelas”.¹⁴

A estreia de Alphonsus de Guimaraens Filho pelo olhar de Mário de Andrade

O livro de estreia de Alphonsus de Guimaraens Filho, *Lume de estrelas*, foi publicado em 1940 e apresenta poemas compostos entre 1935 e 1939. Segundo Mário de Andrade, “uma estreia paradoxal”, como afirma no texto de crítica “Lume de estrelas” publicado no mesmo ano no *Diário de notícias* do Rio de Janeiro.¹⁵ Paradoxo que estaria, segundo o autor de *Pauliceia desvairada*, na busca pelo equilíbrio entre o lirismo e o emprego da técnica.

¹¹ Vale aqui uma ressalva para o termo “privado”. Uma carta, a princípio, um meio privado de comunicação, pode ser revelada a terceiros. Fato muito comum entre os modernistas. Mas trataremos aqui do sentido básico de uma carta enquanto meio privado de comunicação.

¹² Sobre a noção de “crítica informal”, ver MACHADO, M. R. J. **O Modernismo dá as cartas**: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920. 2012. 260 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹³ ANDRADE, M.; ANDRADE, C. D. **Carlos & Mário**: Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002, p. 152. Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade de 16 de outubro de 1925.

¹⁴ Texto de crítica publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1940.

¹⁵ “Lume de estrelas” compõe o conjunto de textos de crítica intitulado “A volta do condor”, publicado posteriormente no livro *Aspectos da Literatura Brasileira* (1943).

O que mais quero desde logo louvar neste volume é que, demonstrando ele um verdadeiro poeta dotado de rico lirismo interior, prova também abundantemente que esse poeta procura se munir de grande técnica e é movido por segura vontade artística.¹⁶

A crítica ao livro de estreia desenvolve-se em sua totalidade apoiada nessa questão, de como o poeta articula elaboração técnica e lirismo na construção de seus poemas.

Para estreia, Lume de estrelas apresenta uma firmeza técnica notável. Livro bem escrito, com raríssimos descuidos de sonoridade (quanta ternura no peito teu), rico de recursos variados. Os versos-livres são sempre expressivos no movimento, os alexandrinos excelentemente cadenciados, as rimas, quando surgem, sempre felizes, como discrição [sic] e adequado. Não só em certas concepções líricas, mas ainda na maneira de dizer e na rítmica, o poeta mostra fortes ligações com o Simbolismo de escola. Se observe esta pulsação da febre, no Hospital:

“Febre e frio... Febre e frio... Lentas horas, lentas horas,
Febre e frio... Noites lentas, lentos dias vagarosos,
Tardes mansas, mansas tardes como olhares dolorosos,
Lentos dias, lentas noites e o olhar frio das auroras”.

Embora eu seja sensível a essa modesta voz do sangue que levou o artista a fundear suas técnicas no Simbolismo, onde tem genial ascendência, preferia que, de futuro, ele se lançasse mais livremente na procura e no exercício de si mesmo.¹⁷

A relação entre lirismo e técnica era uma questão muito relevante para Mário de Andrade naquele momento. Cabe observar que nesse começo da década de 1940, quando publicou a crítica e também iniciou o diálogo epistolar com Alphonsus de Guimaraens Filho, o campo literário brasileiro apresentava-se marcado por um processo de revisão. Com a atenção voltada para o balanço da contribuição da geração de 1920, muitos foram os textos de crítica produzidos sobre o assunto, além de encontros e conferências realizados para discutir a questão. Segundo Carlos Guilherme Mota:

[...] o conjunto de documentos dos mais significativos é o Testamento de uma Geração, publicado em 1944, sob a coordenação de Edgard Cavalheiro. A sensação de se viver o final de um “ciclo” cul-

16 ANDRADE, M. Aspectos da literatura brasileira. 5.ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1974, p. 159.

17 Ibidem, p. 159-160.

*tural fica patente na leitura dos depoimentos de intelectuais expressivos como Afonso Arinos de Mello Franco, Sérgio Milliet, João Alphonsus, Luiz da Câmara Cascudo, Emiliano Di Cavalcanti [...].*¹⁸

E sobre Mário de Andrade, Carlos Guilherme Mota completa:

*o depoimento mais forte não aparece propriamente no conjunto dos entrevistados. É o de Mário de Andrade, que hesitou em fornecer o rascunho a Edgar Cavalheiro [...], mas, quando da comemoração dos vinte anos da Semana de Arte Moderna, viu-se obrigado a explicitar posição. Três artigos n'O Estado de S. Paulo e a famosa conferência no Itamaraty a 30 de abril de 1942 servem de marcos para se entender a revisão do pensamento de Mário de Andrade – e que propiciou a crítica mais acabada àquela que se poderia denominar a sua geração.*¹⁹

A conhecida conferência “O Movimento Modernista”, publicada no ano seguinte, traz um balanço do movimento, do qual vale recuperar a passagem a seguir:

*Não cabe neste discurso de caráter polêmico, o processo analítico do movimento modernista. Embora se integrassem nele figuras e grupos preocupados de construir, o espírito modernista que avassalou o Brasil, que deu o sentido histórico da Inteligência nacional desse período, foi destruidor. Mas esta destruição, não apenas continha todos os germes da atualidade, como era uma convulsão profundíssima da realidade brasileira. O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: O direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; a estabilização de uma consciência criadora nacional.*²⁰

Em certo momento, porém, o mais dramático, como pontua Eduardo Jardim,²¹ a conferência adquire tom confessional e melancólico:

Vítima do meu individualismo, procuro em vão nas minhas obras, e também nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida. Não tem. Tem mais é uma antiquada ausência de realidade em muitos de nós. Estou repiando o que já disse a um moço... E outra coisa sinão o respeito que tenho pelo destino dos mais novos se fazendo, não me levaria

18 MOTA, C. G. **Ideologia da cultura brasileira**. 1933 – 1974. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 84.

19 Ibidem, p. 105.

20 ANDRADE, op. cit., p. 242.

21 JARDIM, E. Revisão do Modernismo. In: JARDIM, E. **Eu sou trezentos**: Mário de Andrade: vida e obra. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015, p.196-199.

*a esta confissão bastante cruel, de perceber em quase toda a minha obra a insuficiência do abstencionismo. [...] E si agora percorro a minha obra já numerosa e que representa uma vida trabalhada, não me vejo uma só vez pegar a máscara do tempo e esbofetá-la como ela merece.*²²

Pouco antes dessa conferência, em 1941, no artigo que lhe foi solicitado pela revista *Clima*,²³ Mário de Andrade já havia apresentado estudo sobre os rumos do Modernismo brasileiro. Entre os aspectos que considerou, cabe citar aquele que se refere à questão da técnica que ele verificava na poesia dos novos escritores:

*Se contemplamos a paisagem artística o que salta abundantemente aos olhos é a imperfeição do preparo técnico. O experimentalismo dos “modernistas” de minha geração já por vária parte se confundia com a ignorância e foi defesa de muitos. Mas ainda a maioria dos meus contemporâneos vinha de costumes mais enérgicos em que não se passava por decreto. E todos os que resistiram ou parecem resistir à filtragem dos anos, foram técnicos honestos de suas artes.*²⁴

Na crítica direcionada aos poetas da nova geração, insistia, portanto, que eles se preocupassem com o aprimoramento técnico, lembrando que a conquista do verso livre não deixava de exigir atenção à técnica, questão recorrente em suas reflexões ao longo de toda sua produção. Em estudo fundamental sobre esse tema, Roberto Schwarz observa três etapas na conceituação de *lirismo* formuladas pelo escritor ao longo de sua trajetória intelectual:

*1 – momento individualista, poesia = grafia do subconsciente (lirismo), com um mínimo de interferência técnica; 2 – momento individualista; poesia = grafia do subconsciente transformado em arte e tornado socialmente significativo pela interferência técnica; o lirismo individual pode mesmo desaparecer em favor de uma fonte de emoção coletiva, o folclore; a valorização está toda no preparo técnico e cultural que permitirá a realização da tarefa nacionalista; 3 – superação dos momentos anteriores, que desponta no conceito de técnica pessoal, em que um lirismo específico (subconsciente individual) encontra uma técnica (nível consciente) capaz de realizá-lo no plano do significado geral.*²⁵

22 ANDRADE, op. cit., p. 252-253.

23 O texto, intitulado “A elegia de abril”, foi publicado posteriormente no livro *Aspectos da literatura brasileira* (1943).

24 ANDRADE, op. cit., p. 188.

25 SCHWARZ, R. O psicologismo na poética de Mário de Andrade. In: SCHWARZ, R. **A sereia e o desconfiado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 15.

Como completa Schwarz, as mudanças de postura sobre a conceituação de *lirismo* que Mário de Andrade assumiu não foram fruto de uma “filosofia sistemática”.²⁶ Por esse motivo, as duas primeiras formulações coexistiram desde o começo, com muitos pontos em comum, mas também com variações relevantes. Já a terceira, em que são superadas essas duas conceituações, Mário passou a esboçá-la mais no final da vida.

O que se percebe é que o problema da articulação entre o emprego da técnica e o lirismo é reformulado pelo escritor ao longo de sua carreira e torna-se um ponto central em suas reflexões sobre a produção poética da nova geração nos anos 1940. É o que se vê no texto de crítica a *Lume de estrelas*. Embora reitere a segurança e a riqueza técnica apresentadas no livro de estreia, não deixa de alertar para a necessidade de o autor exercitar a procura de sua personalidade poética, de seu lirismo:

Já como personalidade lírica me parece que o poeta ainda não soube se caracterizar suficientemente nem conquistar a sua identidade. É mesmo estranho que um poeta tão moço e de tão viva inteligência, como Alphonsus de Guimaraens Filho, se interesse tão pouco pelo exercício da liberdade pessoal. Ele se apresenta conformistamente [sic] tradicionalista, avesso às formas, às dicções, aos temas, às imagens ainda não consagrados pelo tempo. Se tem a impressão pouco feliz de que o poeta não quer experimentar a sua originalidade natural. Tudo ele tradicionaliza. São frequentes, no livro, dicções estratificadas e até mesmo convencionais, como esta, em que o poeta se dirige aos parentes mortos:

“Lavrei a vossa terra, a terra que deixastes
Aos que iriam depois provar desta saudade
E no peito sentir a chaga da miséria...
Lavrei a vossa terra e vi na terra eterna
Germinar meu vinhedo e florir o meu pão”.²⁷

Cabe destacar também que Mário desenvolveu nessa crítica a mesma consideração sobre a produção poética da nova geração formulada no texto da revista *Clima*:

*Acho que em grande parte a nova libertação poética de após o pragmatismo nacionalista da minha geração, em vez de conseguir com isso maior intensidade lírica, está voltando, não nos superando não, mas voltando a certos artificialismos tradicionais.*²⁸

²⁶ Ibidem.

²⁷ ANDRADE, op. cit., p. 160.

²⁸ Ibidem, p. 161.

Crítica informal na correspondência entre Mário de Andrade e Alphonsus de Guimaraens Filho

Nesse contexto de revisão, Mário e Alphonsus iniciaram a troca epistolar. Após a publicação de *Lume de estrelas*, o escritor mineiro passou a contar com a crítica e a orientação de Mário de Andrade para a escrita de novos poemas.²⁹ Foram pouco mais de quatro anos de estreito vínculo intelectual documentado nessa correspondência.

Alphonsus de Guimaraens Filho conheceu pessoalmente Mário de Andrade em 1939, “numa noite em que ele disse, para apreciável número de intelectuais e amigos, o admirável ‘Noturno de Belo Horizonte’”.³⁰

*Outros contatos com ele tivemos, eu e meus companheiros de geração, ainda em Belo Horizonte. Mário ouvia-nos com paciência, compreendendo a sofreguidão de moços ávidos de alcançar, num mundo belicoso e inseguro, a sua verdade, ou a possível verdade.*³¹

De acordo com Eduardo Jardim, nesse momento de sua vida, Mário de Andrade estreitou relações com escritores mais jovens: “Talvez já não esperasse muito de sua própria geração, além de ter tido sempre uma acentuada vocação pedagógica, manifestada em aulas, na vastíssima correspondência e nos contatos pessoais”.³² Quanto aos jovens mineiros dessa geração, ainda com Eduardo Jardim:

*Nem todos conheceram Mário de Andrade na mesma época. Alguns já o conheciam desde antes da viagem de 1939, como Otávio Dias Leite, com quem o poeta se encontrou também no Rio, nas chopadas da Taberna da Glória. Murilo Rubião, Etienne Filho, João Alphonsus, Alphonsus de Guimaraens Filho, Otto Lara Rezende, Paulo Mendes Campos e Henriqueta Lisboa o encontraram em Belo Horizonte, em 1939. Fernando Sabino e Hélio Pellegrino, mais jovens, o conheceram pessoalmente mais tarde, em 1943, em viagem a São Paulo.*³³

29 Sobre a troca epistolar entre Mário de Andrade e Alphonsus de Guimaraens Filho, ver PEREIRA, M. R. A. **Mário de Andrade e os mineiros**: a carta como exercício crítico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. Ebook.

30 Depoimento de Alphonsus de Guimaraens Filho em ANDRADE, M.; BANDEIRA, M. **Itinerários**: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974, p. 9. O poema “Noturno de Belo Horizonte” a que se refere Alphonsus de Guimaraens Filho foi lido durante palestra que Mário de Andrade realizou em 11 de novembro de 1939, no salão do Conservatório Mineiro de Música a convite do Departamento Cultural do Diretório Central dos Estudantes (ver LOPEZ, T. A. **Mário de Andrade**: entrevistas e depoimentos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983).

31 ANDRADE; BANDEIRA., op. cit., p. 9.

32 JARDIM, op. cit., p. 168.

33 Ibidem, p. 165-166.

O início da correspondência entre Mário e Alphonsus se dá, portanto, em 3 de julho de 1940, quando o jovem estreante remeteu uma carta de agradecimento ao texto de crítica publicado no *Diário de notícias*.³⁴ A troca de cartas se manteve até as vésperas do falecimento de Mário de Andrade, em fevereiro de 1945. Nelas tratavam principalmente da produção poética de Alphonsus. Assim como vários jovens escritores, ele buscava as opiniões do experiente e respeitado escritor. “É evidente que recebi a sua crítica como devia: como a mensagem de um Mestre, experimentado pela mais vivida das carreiras literárias, a um jovem estreante. E nenhuma crítica me orientará mais que a sua, já que as outras foram apenas elogios”.³⁵

Sobre essa constante no diálogo epistolar entre Mário e jovens escritores que buscavam um parecer a respeito de suas composições, vale recuperar também o relato de Carlos Drummond de Andrade, que, aproximadamente 20 anos antes, iniciava sua correspondência com o autor de *Pauliceia desvairada*:

*[...] foi-se logo revelando, para mim e meus companheiros, a personalidade de Mário. Mesmo brincando, ele inspirava uma confiança intelectual [...] os outros quatro [referindo-se a ele próprio, Pedro Nava, Martins de Almeida e João Alphonsus] é que mantinham com Mário o fogo sagrado da correspondência literária. Correspondência que, pelo menos no que me toca, foi tão importante pelo campo que abriu à discussão de princípios e técnicas literárias, como pelo conforto de uma solicitude que se estendia ao homem um tanto desarvorado na vida, a quem Mário dispensava um carinho de companheiro mais velho.*³⁶

Dessa maneira, muitos procuraram a orientação de Mário, o que não deixou de acontecer também com Alphonsus de Guimaraens Filho. Ao analisar seus poemas, mesmo sem esconder a admiração que nutria pelo pai e pelo irmão do iniciante escritor, o intelectual paulista não o poupava da dura crítica:

Talvez eu tenha sido muito severo nesta crítica. Mas é que me prende a este poeta moço uma tripla responsabilidade: a adoração que tenho pelo pai dele, a admiração muito amiga por João Alphonsus, seu mano, e a melhor das lembranças, a mais grata imagem de um rapaz sério, leal pra consigo mesmo e de sustância. A condescendência, no caso, seria um desrespeito. Aliás, eu só exerço a verdadeira severidade com os bons...³⁷

34 As cartas de Alphonsus de Guimaraens Filho para Mário de Andrade encontram-se no Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

35 PEREIRA, op. cit., p. 311. Carta de Alphonsus de Guimaraens Filho, de 3 de julho de 1940.

36 ANDRADE, C. D. O amigo paulista. In: ANDRADE, C. D. **Tempo Vida Poesia**. Confissões no rádio. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 111-113.

37 ANDRADE, op. cit., p. 163.

Como se vê, a crítica dedicada ao livro de estreia do jovem poeta foi bastante direta e franca. Mas essa franqueza e severidade com os moços era, possivelmente, uma maneira de incentivá-los a continuarem nos caminhos abertos pelos modernistas de 1920. No artigo “Lume de estrelas”, considerou Alphonsus de Guimaraens Filho um poeta com grande potencial a ser desenvolvido apesar do livro um pouco fraco. E, segundo ele, mesmo dotado de um rico lirismo, não o deixava fluir, pois ainda estava muito preso a uma técnica mais tradicional.

A partir da carta de Alphonsus, de 3 de julho de 1940, agradecendo o artigo a ele dedicado e mostrando a intenção de tê-lo como mentor, iniciou-se o relacionamento intelectual entre ambos. Em sua resposta, Mário abre o caminho para que se leve adiante esse relacionamento:

É isso mesmo que eu quero. É que você tenha o exercício da sua total liberdade diante de mim. (Não me chame “mestre” por favor, não gosto). (Me chame Mário, você. Não pretendo com isto nenhuma humildade falsa. Mas você se sentirá mais livre, e eu mais esquecido de mim). Quando não concordar, não concorde, discuta, brigue, berre. E principalmente não aceite. Você pode ir longe, Alphonsus, esta é minha impressão. Mas só irá longe se se respeitar a si mesmo [...]. Me mande coisas suas de vez em quando.³⁸

Não se pode deixar de observar, com base no trecho transcrito, que Mário de Andrade tem o cuidado de desenvolver estratégias discursivas que se adequem à condição de seu destinatário. Nessa altura de sua carreira, o intelectual consagrado, ao dirigir-se aos jovens, buscava um diálogo pautado na igualdade, recusando a denominação de “mestre”. Como bem determina Marcos Antonio de Moraes:

Ao lado de uma postura ética calcada no princípio da “utilidade” daquele que se propõe como “lição e não exemplo”, existe nos diálogos epistolares de Mário um contrato facilmente verificável, baseado no princípio da camaradagem e da “igualdade”. Em cartas como aquelas escritas, por exemplo, a Fernando Sabino, Alphonsus de Guimaraens Filho e Murilo Rubião, jovens escritores mineiros a quem tanto se afeiçoou, encontram-se explícitas essas normas. [...] Para Alphonsus, em 11 de julho de 1940, desenvolvia o modelo ideal de amizade epistolar encravada no domínio da inteligência: “É isso mesmo que eu quero. É que você tenha o exercício de sua total liberdade diante de mim. [...] Quando não concordar, não concorde, discuta, brigue, berre. E principalmente não aceite”.³⁹

38 ANDRADE; BANDEIRA, op. cit., p. 17-18. Carta de 11 de julho de 1940.

39 MORAES, M. A. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2007, p. 220.

Alphonsus, então, encaminhou os primeiros poemas junto da carta de 19 de agosto de 1940.⁴⁰ A resposta não tardou e, logo a 30 de setembro de 1940, é remetida a missiva portando algumas considerações. Ao soneto “Momento” Mário constatou a ótima qualidade e comparou-o com outro, intitulado “Tarde”. Considerou “Momento” “mais integralmente soneto, sem enumerações, [...] mais unido e íntimo na inspiração, menos temático”.⁴¹ Verifica-se que Mário, em sua primeira leitura, anotara nos manuscritos suas impressões sobre o soneto “Tarde”, e as reelaborou em sua carta. Apontou, nessas observações, um problema de técnica:

*[...] o soneto **Tarde**⁴² tem um defeito de técnica, que não sei si defeito mesmo ou ocasional, que não estou disposto a perdoar. Me refiro à estranheza desagradável da palavra “gera”, no mau verso “Sonho de paz que os bons e os santos **gera**”. Não sei si o 1º terceto foi escrito, depois de escrito o segundo. Não há defeito nem desfavor em fazer isso numa forma tão exigente e estreita como a do soneto. Mas pra quem conhece um bocado de técnica, ao surgir a palavra “gera”, inda mais como vem colocada na frase, tem-se imediatamente a sensação de rima forçada. A sua colocação sintática é inaceitável na naturalidade da nossa língua, e só existe como chavão parnasiano. Creio mesmo que não aparece em métrica, antes do Parnasianismo (não me lembro), e é determinada pela necessidade de rimar. Na prosa então creio que nem mesmo nos estilistas rebuscados você encontrará semelhante construção. E ainda concorre pra acentuar a impressão de falso, a simplicidade de dicção em que o soneto vai. [...] Enfim, tem-se a sensação exata da muleta, coisa imperdoável num soneto.⁴³*

Nessa mesma carta, citou alguns poemas e questionou a qualidade deles, como fez, por exemplo, com “Comunhão”, sobre o qual comentou:

embora você tenha conseguido manter o estado de poesia e a liberdade do assunto, não sei, me desagrada. O pior é que não consigo saber claro porque. Me parece também de uma abnegação um pouco fácil, um pouco, desculpe: acaciana. Um vago sabor “creme angélico” de misticismo pra noviças de convento, não sei. Repare que aquela separação, só “alguns” do 1º verso, soa um bocado ridiculamente, muito prosaico, sem vagueza poética.⁴⁴

40 Sobre os manuscritos que Alphonsus de Guimaraens Filho enviou a Mário de Andrade ver MACHADO, M. R. J. **Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade**: perspectivas de estudo. São Paulo: Linear B, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2008.

41 ANDRADE; BANDEIRA, op. cit., p. 19.

42 As palavras destacadas em negrito nas cartas aqui transcritas são de Mário de Andrade, conforme edição das cartas.

43 ANDRADE; BANDEIRA, op. cit., p. 19. Carta de Mário de Andrade de 30 de setembro de 1940.

44 Ibidem, p. 20. Carta de Mário de Andrade de 30 de setembro de 1940.

Por sua vez, nas discussões sobre o verso livre, defendia a posição de que sua conquista não implicava o desprezo da técnica; ao contrário, exigia-se muito mais atenção a ela. Mário insistia sempre em dois principais assuntos ligados a essa questão: o soneto irregular e a busca de Alphonsus em firmar sua personalidade. Quanto ao soneto irregular, Mário não concordava com essa técnica defendida por Alphonsus e muitos de seus contemporâneos:

*Você já refletiu bastante sobre o soneto irregular? Não falo apenas sob o ponto-de-vista técnico que esse é claramente indefensável, mas sob o estético. Satisfaz ao seu sentimento estético, ao seu prazer artístico o soneto irregular? Deus me livre negar o valor, a força lírica de certos sonetos irregulares, os seus os do Schmidt provam isso. Mas sempre me fica um certo não-sei-quê de insatisfação artística. Lhe falo isto com muito cuidado e muita dúvida, acredite. Não esqueço que fui formado dentro do soneto e que esse uso do cachimbo pode ter me deixado a boca torta. Acho que cabe mais a você que a mim refletir sobre isso, porque o problema é seu, é de vocês, é das gerações novas. Eu, por mim, não farei nunca sonetos irregulares”.*⁴⁵

Quanto à busca pela personalidade, Mário aconselhava Alphonsus a deixar fluir o seu lirismo. Ele insistia que o jovem escritor se superasse sempre, visando à liberdade formal:

*[...] você veja nas minhas considerações não ressalvas, censuras, defeitos nos seus sonetos, mas preliminarmente problemas que você deve exercitar na sua personalidade. Porque, Alphonsus, o problema todo, máximo e integral em você todos moços é esse da “aquisição” de personalidade, e não de “perpetuação” da que vocês já têm. Aí é que está o confucionismo principal de vocês todos.*⁴⁶

Como se vê, a reflexão iniciada em “Lume de estrelas” teve continuidade na crítica informal, possibilitando que crítico e autor criticado expusessem seus argumentos diretamente um ao outro na esfera privada. O trecho da carta a seguir é um exemplo desse processo. A partir do debate sobre os poemas inéditos de Alphonsus de Guimaraens Filho, os missivistas vão examinando em conjunto a noção de construção do ritmo na poesia, relacionando-a às considerações sobre liberdade formal e emprego da técnica:

Falemos de duas coisas juntas: os sonetos que me mandou e a frase da sua carta “Coisa engraçada: até hoje não pude me libertar da mania de metrificar. Não que metrifique intencionalmente, mas meus versos já nascem metrificados. O ritmo, posso afirmá-

⁴⁵ Ibidem, p. 22-23. Carta de Mário de Andrade de 4 de janeiro de 1941.

⁴⁶ Ibidem, p. 53. Carta de Mário de Andrade de 20 de fevereiro de 1944.

lo, é uma das minhas exigências interiores. Eu atribuo isso, em parte, ao fato de ter lido desde menino, poetas e poetas do passado.” Tudo isso, arre! é um mundo de coisas que carece, não negar, mas comentar. E que eu acho que você precisa matutar mais profundamente, pra chegar a verdades técnicas mais gerais e mais legítimas.

*[...] não há dúvida nenhuma que os estados-líricos, os estados-de-poesia de você se afazem muito bem com a forma do soneto, as formas de canção, enfim com o que você chamou de “ritmo” e que, pra mim, é apenas uma das manifestações do ritmo, a mais primária praticamente, que definiria o “ritmo é todo movimento repetido.” Essa é a definição universalmente aceita, com essas ou outras palavras, mas que eu não aceito de forma nenhuma. Simplesmente porque dava ritmo às manifestações inconscientes da natureza como recusava ritmo a manifestações conscientes da arte! É um absurdo. **Ritmo é todo e qualquer movimento organizado.** [...]*

Ritmo é necessidade fisiológica dos seres vivos e até os irracionais e as plantas “organizam” ritmos. Conscientemente, lá na pobri-nha consciência deles. Ora a arte, muito mais complexa que esses e isso, só humana, organiza também o ritmo livremente, não sem o valor-peso Tal, sem o qual, único, o ritmo deixa de existir, mas sem o elemento (que só por si não é valor) repetição. É disso que derivam o ritmo do verso-livre, o ritmo teatral, o cinemático, o ritmo de certas danças miméticas não-puras, de muitos processos de música como o recitativo, etc. E também muitos ritmos das artes plásticas. Mas nisso não posso me estender. [...]

Eu não tenho dúvida que o ritmo-repetição, isto é metrificado, é uma essencialidade da sua vida em poesia, mas até que ponto você não estará, por preguiça criadora, se imitando a si mesmo, se repetindo, se deixando levar por uma facilidade?⁴⁷

Esses são alguns exemplos do posicionamento de Mário de Andrade sobre a produção poética de Alphonsus de Guimaraens Filho manifestados na correspondência, o qual também pode se estender à poesia de outros escritores dessa geração. Buscamos verificar a elaboração desse exercício específico, a que chamamos de crítica informal, e seus vínculos com textos de crítica publicados. Os apontamentos elaborados na correspondência estimulam, dessa forma, a reflexão sobre questões importantes para os estudos literários, seja para a análise da produção poética no início dos anos 1940 ou sobre o pensamento crítico de Mário de Andrade sobre essa poesia.

Referências bibliográficas

47 Ibidem, p. 48-50. Carta de Mário de Andrade de 20 de fevereiro de 1944.

ANDRADE, C. D. O amigo paulista. In: ANDRADE, C. D. **Tempo Vida Poesia**. Confissões no rádio. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 111-115.

ANDRADE, M. Um crítico no jornal; Lume de estrelas. In: ANDRADE, M. **Vida literária**. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. IX-XXVIII e p. 215-219.

ANDRADE, M. **Táxi e crônicas no Diário Nacional**. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, M. **Aspectos da literatura brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1974.

ANDRADE, M.; ANDRADE, C. D. **Carlos & Mário**: Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

ANDRADE, M.; BANDEIRA, M. **Itinerários**: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

BANDEIRA, M. **Apresentação da poesia brasileira**: seguida de uma antologia. Posfácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Introd., org. e seleção de Sergio Miceli. Tradução de Sergio Miceli, Sílvia Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

GUIMARAENS FILHO, A. **Poemas reunidos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.

HOLANDA, S. B. Poesia e crítica. In: HOLANDA, S. B. **O espírito e a letra I**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 271-275.

JARDIM, E. **Eu sou trezentos**: Mário de Andrade: vida e obra. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

LOPEZ, T. A. **Mário de Andrade**: entrevistas e depoimentos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

MACHADO, M. R. J. **Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade**: perspectivas de estudo. São Paulo: Linear B, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2008.

MACHADO, M. R. J. **O Modernismo dá as cartas**: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920. São Paulo, 2012, 260 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-22102012-122149/pt-br.php>. Acesso em: 31 maio 2023.

MORAES, M. A. **Mário, Bandeira, Drummond**: epistolografia e vida literária. In: Calendário de cultura e extensão: Drummond. São Paulo: Universidade de São Paulo, out. 2002, p. 2.

MORAES, M. A. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2007.

MOTA, C. G. **Ideologia da cultura brasileira**. 1933 – 1974. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

PEREIRA, M. R. A. **Mário de Andrade e os mineiros**: a carta como exercício crítico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. Ebook.

SCHWARZ, R. O psicologismo na poética de Mário de Andrade. In: SCHWARZ, R. **A sereia e o desconfiado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 13-23.

VELLOSO, M. P. **Entre o sonho e vigília**: o tema da amizade na escrita modernista. Tempo, vol. 13, n. 26. Niterói, EdUFF, 2009, p. 205-224. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/ThvjMJXG4F4pby8xyCwHrKN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2023.